

Índice

Prólogo: O Homem Astuto	13
1. Mestre de Cerimónias	37
2. Aqui Há Dragões	91
3. O Último Sacerdote Livre	137
4. O Rei do Bando	181
5. Notas sobre os Campos	229
6. O Inferno na Terra	269
7. Criaturas Delicadas	307
Epílogo: Pais e Filhos	333
Agradecimentos	357
Fontes	363

PRÓLOGO

O Homem Astuto

No inverno de 1987, Yuri Levada deparou-se com uma oportunidade tentadora. Levada, de 57 anos, rosto amável e uma fina camada de cabelos brancos, era um sociólogo cuja área de interesse há muito o relegara para as margens da academia. Durante décadas, as autoridades soviéticas renegaram a sociologia, considerando-a uma pseudociência burguesa. A doutrina oficial pressupunha, essencialmente, que tudo o que era preciso saber sobre a sociedade figurava no sistema de classes proposto por Marx e no seu conceito de materialismo histórico. Mas, em meados dos anos 80, a ascensão de Mikhail Gorbachev e da sua política da *perestroika* — uma reconsideração da economia soviética que implicava a abertura da cultura política e cívica do país — criou uma oportunidade para Levada e um pequeno grupo de colegas que partilhavam as suas ideias.

Levada era conhecido por ser honesto e sincero, com uma mente perspicaz, que se destacava dos trabalhadores cinzentos e monótonos que dominavam a academia soviética. Não era, seguramente, um dissidente: fazia parte do sistema, ainda que nunca se tivesse introduzido nos seus domínios internos, e a sua dignidade e extraordinária aptidão intelectual distinguiam-no de quem o havia feito. Juntamente com um grupo de amigos e antigos alunos universitários, passaram anos a encontrar-se à noite nos auditórios vazios dos institutos científicos, discutindo questões tabu da teoria sociológica, assim como as esporádicas manifestações nacionais do teatro e da poesia de vanguarda.

Mas, agora, entregavam-lhes a responsabilidade de um órgão recém-criado, o Centro de Estudos da Opinião Pública da União Soviética (VTsIOM), o primeiro grande centro de investigação social e de opinião da história do país. Gorbachev e os seus aliados reformistas do Politburo estavam cientes de que, se o regime soviético permanecesse inalterado, rapidamente atingiria o seu ponto de rutura. E estavam igualmente cientes de quão pouco sabiam sobre os cidadãos que governavam. Foi, em parte, devido a esta súbita tolerância pela heterodoxia intelectual, embora verdadeiramente uma consequência das convulsões gerais da época, que o VTsIOM foi criado. Levada foi nomeado diretor do departamento de estudos teóricos, levando consigo alguns colegas que tinham sido seus alunos de pós-graduação na década de 1960. Neste novo instituto, Levada teria os recursos e as ferramentas práticas para testar as suas ideias e obter uma noção mais verdadeira e tangível da sociedade. Podia, inclusivamente, realizar sondagens no terreno.

A última vez que Levada tivera acesso a uma plataforma pública, em 1966, as coisas não correram muito bem. Quando tinha cerca de 30 anos e era ainda um jovem professor acabado de sair da universidade, um simpático colega da Universidade Estatal de Moscovo convidou-o a dar uma série de aulas sobre sociologia num auditório da universidade. As suas aulas rapidamente conquistaram seguidores, ultrapassando o limite de inscrições para estudantes universitários e sendo procuradas pela elite intelectual de Moscovo, que se sentava nos corredores do auditório e se atropelava à porta — “pendurada nos candelabros”, como na expressão russa. À primeira vista, não havia nada de transgressivo ou proibido nas aulas de Levada: este abordava simplesmente os princípios fundamentais da sociologia, uma ciência académica que surgira em França e nos Estados Unidos no final do século XIX em resposta aos dilemas da modernidade. Os interlocutores contemporâneos teriam dificuldade em descobrir a linguagem crítica de um dissidente nas palestras de Levada. Este evitava completamente a política, centrando-se nas diversas teorias de formação social e nas relações entre os indivíduos nos sistemas sociais. As suas aulas eram claras e professorais, o que as tornava sensacionais.

Para Levada, a sociologia abria a porta a uma linguagem livre e simples, uma forma de analisar a sociedade soviética fora da obscuri-

dade da doutrina oficial. “Não é fácil de compreender, mas a sua visão simples e humana sobre as coisas, sem a distorção da propaganda — provocou um efeito impressionante”, afirmou Alexey Levinson, que, graças a Levada, descobriu a sociologia quando era estudante universitário nos anos 60. “Ele chamava as coisas pelos nomes.” Naquele auditório, poucos tinham ouvido alguém falar assim. “Toda a cidade de Moscovo corria para lá, como costumamos dizer”, contou Lev Gudkov, outro promissor aluno de Levada. As aulas tornaram-se um fórum onde Levada começava a explorar as questões que viriam a consumi-lo durante toda a sua vida: a timidez e a servidão do indivíduo soviético perante o Estado, resultantes não só do medo provocado pela repressão, mas também da incapacidade de o indivíduo se imaginar sem o Estado — uma simbiose paternalista.

Mas eis que chegou agosto de 1968, e os tanques soviéticos puseram fim à Primavera de Praga, um breve período de abertura e reforma na Checoslováquia — “um socialismo com rosto humano”, expressão usada por Alexander Dubček, então líder do Partido Comunista da Checoslováquia, para ilustrar o seu princípio orientador. Após a violência nas ruas de Praga, uma campanha reacionária varreu a cultura e a academia soviéticas, capturando uma série de artistas e intelectuais que foram acusados de se afastar, mesmo que ligeiramente, das doutrinas reconhecidas do pensamento soviético. No ano seguinte, em 1969, Levada foi convocado para uma audiência na Academia das Ciências Sociais. Durante várias horas, os seus interrogadores acusaram-no de todo o tipo de transgressão ideológica, aproveitando o pretexto de uma observação sua em que afirmava que, na sociedade contemporânea, o indivíduo está sujeito a inúmeras pressões externas: do Estado, da cultura de massas, do mercado, até dos tanques. Levada proferira esta afirmação em 1966, antes de os tanques invadirem Praga, mas a imagem foi considerada demasiado incendiária para ser accidental. Durante toda a audiência, Levada demonstrou o comedimento habitual perante os seus acusadores. Não pediu clemência nem confrontou diretamente quem o atormentava. A determinado momento, ao aperceber-se da futilidade da sua defesa, simplesmente fechou a pasta e sentou-se.

O veredito fora predeterminado e não era por acaso que a audiência parecia um julgamento político mediático, pois, até há cerca de uma década, muitos dos homens presentes no comité disciplinar tinham

desempenhado um papel na execução das repressões ideológicas da era estalinista. “Nessa altura, já lhes tinham arrancado os dentes e as garras, já não podiam matar ninguém”, disse Levinson. “Mas se o que afirmaram sobre Levada tivesse sido dito umas décadas antes, isso ter-lhe-ia garantido uma viagem de ida para o gulague.” Em vez disso, retiraram-lhe a sua cátedra na universidade e obrigaram-no a ocupar uma posição não pública, praticamente anónima, num instituto académico. Como diria Anna Akhmatova, a grande mulher da poesia russa do século xx, os tempos tornaram-se muito vegetarianos. Não se tratava do gulague, mas era uma forma de exílio, semelhante ao modo como Dubček, após a sua prisão nos últimos dias da Primavera de Praga, fora enviado para trabalhar como guarda-florestal numa zona remota da floresta eslovaca. Levada foi afastado da corrente dominante da ciência soviética e impedido de publicar novos trabalhos ou até de ser citado por outros académicos nos seus artigos. “Era só eu, completamente sozinho, e estive assim — sozinho — durante dezasseis anos”, recordou, mais tarde.

Durante esse tempo, em casa e juntamente com pequenos grupos de amigos e colegas, Levada continuou a trabalhar para compreender o que viria a chamar-se *Homo sovieticus*: uma nova espécie que surgiu como resultado da grandiosa e terrível experiência social da União Soviética. Sobre esta espécie, Levada escreveu, “o Estado não é apenas uma entre várias instituições sociais criadas historicamente [...], mas uma espécie de superinstituição, universal nas suas funções e esfera de atividades [...], do tipo paternalista pré-moderno, que invade todos os recantos da existência humana. O projeto do Estado social soviético é, por definição, totalitário, no sentido em que não permite a ninguém um espaço independente”. E, igualmente importante, os sujeitos desse Estado devem permanecer não só dependentes, como gratos: “A atenção de quem está no topo deve ser reconhecida por quem está na base.”

Parcialmente devido a um medo residual, mas também graças a uma combinação de inteligência e engenho, muitos cidadãos soviéticos reagiram submetendo-se ao Estado — uma instituição em que podem não ter confiado ou não ter respeitado, mas que jamais se imaginariam a derrotar ou a ser dela privados. Começou por ser um mecanismo de sobrevivência, através do qual cidadãos e Estado trabalha-

vam inconscientemente juntos para garantir a agência do indivíduo na repressão da própria liberdade e das suas oportunidades de autorrealização. Simultaneamente engenhoso e passivo, desconfiado e indiferente, o Homem Soviético de Levada compreendia intuitivamente que era mais fácil — e, fundamentalmente, mais vantajoso — jogar o seu jogo dentro do sistema. A bravura assumia a forma de resistência passiva, como quando o editor da *Questões de Filosofia*, considerado um jovem pensador relativamente progressista, declarou que não permitiria qualquer ataque contra Levada nas suas páginas, ao mesmo tempo que se recusava a publicá-lo. “Manteve a sua promessa”, observou Levada, manifestando uma espécie de admiração relutante.

Levada tencionava estudar o Homem Soviético quando a *perestroika* e a sua nomeação para o VTsIOM lhe deram uma oportunidade para fazer trabalho de campo. Ele percebia que muitas das características mais nocivas da sociedade soviética estavam a ser eliminadas e substituídas por uma incipiente cultura de curiosidade, contestando os seus dogmas mais enraizados. Com a conseqüente decadência do regime soviético, Levada sentia-se consumido pela hipótese de o *Homo sovieticus* poder igualmente desaparecer, ou, pelo menos, transformar-se.

Em 1989, Levada propôs-se a testar esta hipótese, questionando cidadãos comuns sobre a sua relação com o Estado. Parecia-lhe uma ideia emocionante e tremendamente urgente. “A situação estava a desenvolver-se de forma turbulenta”, havia pouco tempo para filosofar tranquilamente, disse Levada. Ao tentarem compreender a sociedade soviética, ele e a sua equipa do VTsIOM procuravam “medir o pulso de um doente”.

Nessa época, os governos comunistas de toda a Europa Oriental estavam em declínio, ao mesmo tempo que o exército soviético se retirava do Afeganistão e a sociedade soviética testemunhava a turbulenta reestruturação do seu percurso político nacional. Os investigadores reuniam grupos focais e distribuía questionários pelas delegações regionais do VTsIOM espalhados pela União Soviética. Contudo, receberam muito mais material de resposta a um inquérito de uma página impresso na *Literaturnaya Gazeta*, um semanário popular que publicava poesia e literatura, dedicando-se ocasionalmente à política.

Sob o título “O Que Pensa?”, o inquérito pedia aos leitores que respondessem a questões sobre as suas expectativas, preocupações e relação com o Estado. A reação do público foi esmagadora. A equipa de Levada recebeu quase duzentas mil respostas; alguns dos inquéritos tinham sido preenchidos por famílias inteiras, outros por brigadas de trabalhadores fabris. Os funcionários dos correios entregavam sacos a abarrotar de questionários preenchidos, que se acumulavam em estranhos montes no corredor do Hotel Tourist, na Leninsky Prospekt, onde ficava a sede dos investigadores. “A sociedade bradava, reclamando algo”, disse Levinson. “Sentíamos que estava a surgir um novo tipo de indivíduo.”

Para Levada, parecia que o Homem Soviético se encontrava num estado de metamorfose, deixando para trás o seu medo, impotência e obediência instintiva. O simples facto de o inquérito ter provocado uma resposta tão ressonante era em si um sinal de que a ordem social do país estava a mudar. Segundo um relatório escrito por Levada e a sua equipa, documentando as suas descobertas, “A formação da opinião pública é um dos indícios da queda da sociedade totalitária” e dos seus respetivos “instintos gregários, fobias, imagens do inimigo”: “O gelo começou a derreter.” Os resultados mostravam níveis decrescentes de entusiasmo por um líder forte em torno do qual o resto do país devia consolidar-se. A maioria disse que estava pronta para uma análise mais honesta da história do seu país, mesmo se esta fosse desconfortável ou depreciativa em determinados períodos. A maioria desejava estreitar relações com o Ocidente e já não temia a guerra ou o cerco de inimigos malévolos, uma fobia recorrente que servia para consolidar a população e assegurar a sua lealdade.

Uma grande parte da realidade soviética regia-se por uma inverdade bilateral perpetrada por cidadãos e Estado: o cidadão fingia ser um súbdito entusiasta e leal, e o Estado fingia-se competente e interessado em cuidar do bem-estar individual. À aparente obediência correspondia uma aparente solicitude protecionista. Esta situação transformou-se numa piada perversa durante a era soviética: “Nós fingimos trabalhar e eles fingem que nos pagam.” Não se tratava de uma lealdade particularmente fervorosa, mas de uma aceitação passiva, suavizada pelas diversas formas de ludibriar o sistema e de alcançar pequenas vitórias individuais contra ele. Quando Levinson e Gudkov estavam a